



sinto a vida a fugir

Viver para os outros

(...) a guerra deixa-nos com marcas que não desaparecem facilmente; eu vi tanta gente morta que conhecia, tudo aquilo mexeu comigo, nunca mais fui a mesma pessoa.

Estou agora a recordar-me de um dia em que estava no hospital onde trabalhava como enfermeira, e vieram chamar-me com uma criança nos braços, já com sete ou oito anos. Estava ferida, uma bala tinha-a atravessado de um lado a outro e tinha os intestinos quase todos de fora.

Não esquecerei nunca o olhar do pai, entre a derrota e a esperança, ao dizer-me «irmã, a minha filha está a morrer, entrou-lhe uma bala nos intestinos, se houvesse possibilidades de a transportar para outro hospital, mas ela não pode ir assim com os intestinos de fora».

A miúda, que já era crescida e percebia a situação em que se encontrava, agarrou-se-me ao braço e disse-me «irmã, não me deixe que eu vou morrer, sinto a minha vida a fugir».

Ali naquele hospital não havia possibilidade de fazer cirurgias, aquilo estava tudo num caos; acondicionei-lhe o melhor que podia os intestinos, amarreia-a toda, com algodão, compressas e ligaduras, chamou-se um helicóptero, meti-a num carro e levei-a para o aeroporto.

Soube depois que a transportaram para uma zona mais calma, com um hospital melhor, foi operada e hoje ainda está viva (...)



uma procissão única

Viver para os outros

(...) quando fui de Macau para as Filipinas, trabalhar como enfermeira para uma leprosaria, passei por uma situação que me impressionou muito, mas que me deixou logo “baptizada” em relação àquela doença terrível.

Segundo um costume espanhol, no dia de Nossa Senhora do Rosário, faz-se a “procissão da aurora”, em que se leva a imagem de Nossa Senhora e se canta o Rosário, até existe uma música especial para o cantar; e como a nossa comunidade tem uma devoção especial por Nossa Senhora do Rosário, também ali nas Filipinas organizávamos esta procissão.

Eu acabara de chegar na véspera, e logo de manhã cedo levaram-me a conhecer a leprosaria e as outras irmãs, e nessa mesma altura saía a “procissão da aurora”.

Aquilo foi um choque para mim, ver uma procissão com centenas de leprosos, uns sem pernas, outros sem braços ou sem nariz, ou com outras zonas do corpo muito afectadas; aquilo causou-me uma impressão que não sei como descrever, mas foi como um baptismo em relação ao trabalho que me esperava durante os anos seguintes.

A partir dali perdi o preconceito que tinha àcerca da lepra, e deixei de me impressionar com a doença em si, para me dedicar aos problemas concretos de cada um dos meus doentes (...)



onde se meteram todas

Viver para os outros

(...) na minha última visita a Moçambique, fui com um missionário já de idade avançada e que tem dedicado toda a sua vida a África, visitar uma das comunidades que ele apoia, uma das que está mais no interior, longe de tudo e de todos, quase em total isolamento.

Íamos de jipe em plena selva, por uma picada que mal se reconhecia, já quase toda coberta de vegetação, eu nunca tinha ido a um local assim tão remoto.

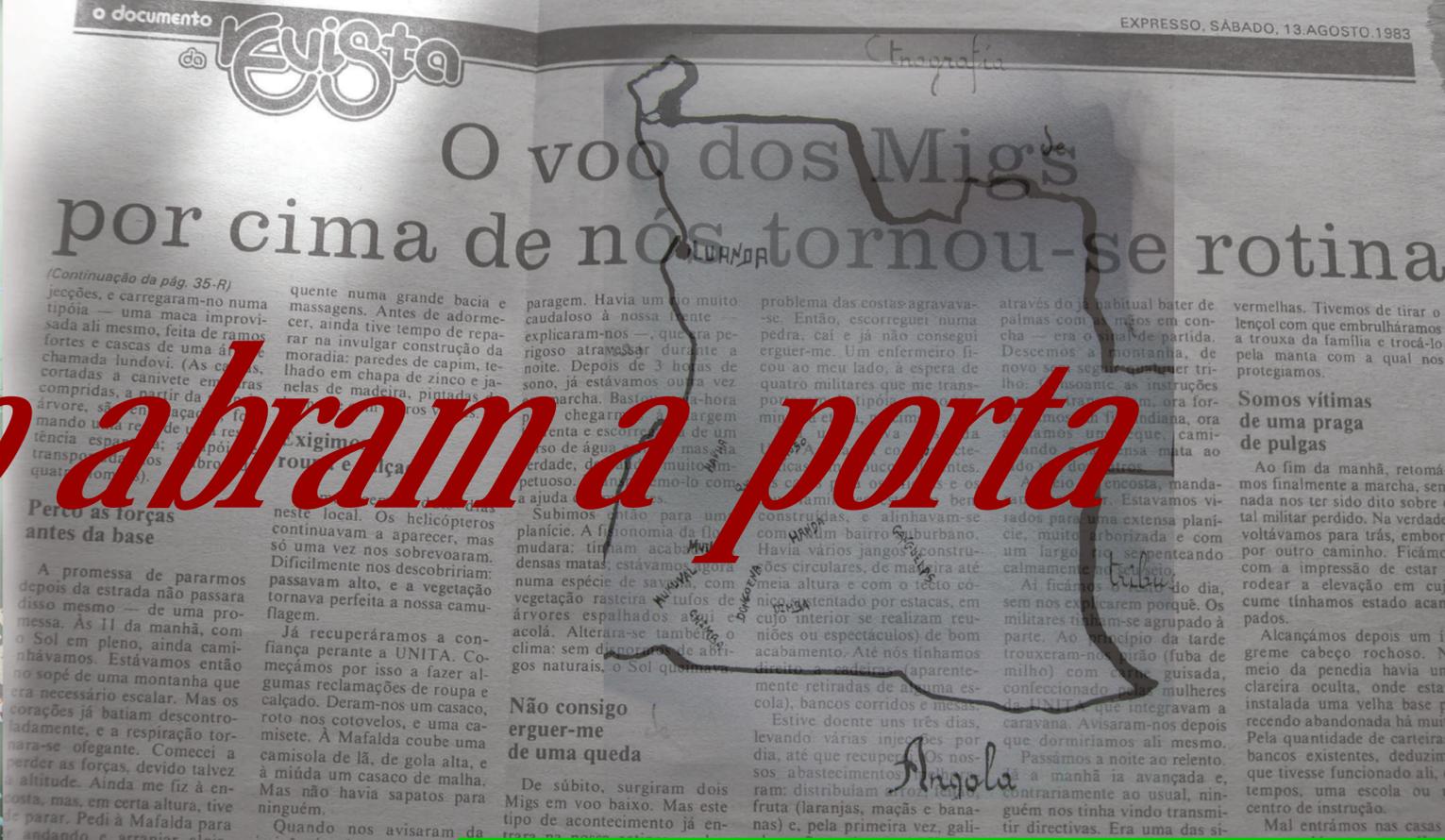
Não se via vestígios de ninguém, não havia qualquer indício que indicasse que o caminho era por um lado ou pelo outro, e eu perguntava-lhe: «mas como é que sabe que é por aqui?», ao que ele me respondia «olhe, está a ver, ainda há ali um restinho do caminho desde a última vez que cá vim», o que tinha acontecido já há meses.

Andámos assim durante quilómetros, sem ver viva alma, e eu um pouco apreensiva, interrogava-me, «mas como é que vamos encontrar gente no meio disto?».

E então depois de muitos quilómetros pela selva, abre-se uma clareira, e de repente surge uma quantidade de pessoas, puseram-se a dançar e a cantar com a nossa chegada, não se via mais nada, nem uma casa, a capela eram quatro paus.

E eu pensei para comigo, realmente como deus deve gostar de estar aqui, no meio destas pessoas que ninguém no mundo sabe que existem, que aqui nascem, vivem e morrem, sem conhecer mais nada.

Aquela experiência, e a celebração cheia de alegria, teve mais sentido para mim que muitas das nossas festas (...)



não abram a porta

Viver para os outros

(...) a certa altura, houve um ataque muito forte ao local onde se encontrava a nossa missão, e a zona estava cercada por tropas; toda a gente se refugiou nas montanhas; só ficámos as irmãs, os padres e dois ou três casais, aquilo parecia um autêntico deserto.

E não é que naquela noite, era perto das duas da manhã começamos a bater à porta, com insistência, a pedirem para abrir, como se estivessem em estado de aflição.

As irmãs diziam-me «tu não abras a porta, não abras essa porta, que ainda nos matam a todas». Mas eu num gesto impulsivo perguntei: «quem é que está a bater à porta?», e a resposta foi, «estou ferido, irmã, sou militar, por favor atenda-me».

Estávamos cercadas por outras tropas, abrigar um militar de outro movimento era um perigo, mas como é que podia recusar ajuda a alguém que estava ferido?

Abrimos a porta, era um comandante e o seu adjunto, e estava ferido numa perna; estive a tratá-lo, mas como não podia andar, tivemos de os esconder na cave, até melhorar. Pela noite, antes do amanhecer, enterrámos todas as suas roupas, botas e tudo, num bananal que havia perto da missão.

Estávamos muito preocupadas, andávamos todas em pânico, se soubessem que tínhamos lá escondido aqueles militares, de certeza que nos matariam a todas e queimariam a nossa casa. Tínhamos de encontrar rapidamente uma solução para aquele problema (...)



saber esperar

Viver para os outros

(...) estive muitos anos em Timor, em diversas missões, mas ainda hoje me lembro de uma história que por vezes recordo, agora que estou cá em Portugal, e observo a vida agitada que todos aqui levamos, sempre a correr de um lado para o outro.

Tínhamos construído uma escola que ficava a uns quinze quilómetros da nossa missão, e para darmos as aulas, íamos de jipe pela manhã e só voltávamos ao fim da tarde.

Um dia aconteceu que a irmã que habitualmente conduzia, pousou distraidamente as chaves em cima do carro, e como se esquecera de qualquer coisa em casa, voltou para trás e nunca mais se lembrou onde tinha deixado as chaves. Ao regressar ao jipe, procurou a chave nas suas coisas, voltou a procurar, mas como não as encontrava, voltou uma vez mais a casa para buscar outras chaves, entrámos no jipe e fomos para a escola dar as aulas. Claro que mal arrancámos, as chaves que estavam em cima do carro, caíram à estrada.

Qual não é o nosso espanto quando, ao voltarmos ao fim do dia, estava um homem sentado à nossas espera, à beira da estrada, com as chaves na mão: «irmã, olha, toma a chave do teu carro», disse; tinha ficado todo o dia ali à espera, que voltássemos, para nos entregar as chaves.

Claro que isto é um exemplo, relacionado com Timor e o seu desenvolvimento, naquele tempo.

Mas quando agora, nalgumas situações, observo a pressa de algumas pessoas, lembro-me desta história e penso metaforicamente para comigo, que quem sabe esperar é que tem a chave (...)



primeiro o mais importante

Viver para os outros

(...) a seguir ao 25 de Abril, e com a guerra em África, muitas de nós regressámos a Portugal, e iniciámos um projecto social, num bairro da periferia de Lisboa.

Tinha uma população em que predominavam ciganos e caboverdeanos, e onde era necessário apoiar as crianças, que não tinham qualquer sucesso na escola, pois as condições do bairro eram de total promiscuidade.

Não havia saneamento básico nem electricidade, como é que as crianças haviam de ter aproveitamento escolar, sem apoio em casa nem condições para estudar?

Então criámos um ATL numa barraca, para os tempos livres das crianças, ajudá-las na escola e a crescer; e fomos ganhando a confiança dos habitantes do bairro, que organizaram uma comissão para tratar dos seus assuntos; e primeiro que tudo o mais importante: o saneamento básico, o fornecimento de água e de luz.

Nunca me esquecerei do dia em que aqueles homens rudes foram recebidos pelo Presidente, e se sentaram nos cadeirões da Câmara, e negociaram a sua mão de obra a troco dos materiais que a Câmara fornecia.

Hoje aqui no bairro, a situação continua difícil, mas já temos condições dignas para receber as crianças e os adultos, e presencio a alegria de uma mulher já de idade que finalmente aprende a reconhecer o número do autocarro que utiliza diariamente, e não consigo deixar de sentir alegria por estar onde os outros mais necessitam de mim (...)



preciso de leite

Viver para os outros

(...) nas missões andávamos sempre à procura de formas para solucionar os muitos problemas que surgiam, pois tínhamos muito poucos recursos.

A certa altura, estava a cuidar de uma menina, que nascera prematura com mais outro irmão, e a mãe morrera no parto. O pai ia com o tio e mais cinco filhos que já tinha, a uma localidade distante tratar do funeral da esposa, e como já havia guerra, pediram-nos para os acolhermos durante a noite na missão.

O percurso era longo, o menino já tinha morrido no caminho, por falta de leite e pelas condições deficientes da viagem. Como a menina estava muito fraca, com receio de que também já não chegasse viva ao destino, ofereci-me para ficar com ela e tentar mantê-la viva, pois o pai disse-me que daí a oito dias voltaria de novo.

Não tinha leite para bebé, só papa de soja, o que lhe causava bastantes problemas nos intestinos e não a alimentava bem; tinha de lhe dar muita atenção e fazer-lhe massagens na barriga para regularizar a digestão. Ainda não havia leite de pacote, por isso tentei “mendigar” uma mãe para dar leite à menina, mas ninguém se oferecia.

Não tínhamos dinheiro, os nossos ordenados não davam para nada: então uns padres dominicanos arranjaram-me medicamentos, que não havia no hospital local, e eu atendi algumas receitas com esses medicamentos e com o dinheiro mandei vir leite de bebé, de Luanda, e a menina melhorou e sobreviveu. Mas o pai nunca apareceu (...)



descalça não entra

Viver para os outros

(...) pode parecer que uma missionária só é útil em locais longínquos, mas aqui no nosso país também existem situações em que o nosso contributo é útil.

Por exemplo, quando vim de Timor, porque o território tinha entrado na guerrilha e não pudemos continuar lá, estive uns anos numa terra muito pobre, na margem sul do Tejo, e aquelas pessoas também viviam numa grande miséria.

Eram pessoas com um ar miserável e abandonado, que mal tinham roupa para se vestir, com um ar muito escravo, não tinham ideia nenhuma de pertença. Aquilo era terra de latifundiários, antes do 25 de Abril, eles eram os donos de quase tudo, inclusivamente da igreja, eram eles que a arranjavam; quer dizer, as pessoas não sentiam que a igreja era sua.

Nunca mais me esqueço de uma mulher que um dia me disse «olhe, irmã, uma vez quis ir à igreja, ia descalça, e eles não me deixaram entrar».

O que podemos nós fazer por uma pessoa em Timor ou num sítio assim aqui no nosso país? Dizer-lhe que ela é uma pessoa digna, grande, que ela é o valor de tudo, que tudo existe para ela: e então ela fica a pensar nisso e com o tempo vai recuperando lentamente a sua dignidade.

Nos sítios mais ricos é diferente, temos de dizer que Deus veio para os mais pobres; não é que os abandone a eles, mas eles têm um pai e uma mãe que cuidam deles e os protege, e os outros não têm ninguém. Por isso é que Deus está sempre mais perto dos mais pobres (...)



viver o fim

Viver para os outros

(...) agora que estou com uma idade avançada, e depois de ter estado onde era preciso que estivesse, muitos anos em Angola, e também na direcção da nossa comunidade, agora a minha saúde já não me permite que ande de um lado para o outro, mas continuo a gostar de me sentir ocupada, não constituir um peso para as minhas irmãs, e assegurar as minhas próprias necessidades.

Já estou reformada mas vou fazendo “umas coisinhas”, vou esgaravatando aqui e ali, e encontrando algumas actividades que posso fazer na minha situação actual. Vou a um lar da Misericórdia, onde sou voluntária, todas as semanas lá vou; faço visitas aos doentes de oncologia que estão em fase terminal, o que por vezes me impressiona demasiado, agora que estou com esta idade, mas temos que ser uns para os outros, não é?; e aqui no bairro onde está a nossa comunidade, já todos me conhecem, e quando é preciso também visito os doentes por aqui.

Ainda recentemente uma senhora que o pai também é reformado e teve uma embolia cerebral que o deixou paralisado na cama, me pediu para ir lá uma vez por semana, para ela poder sair e ir às compras, e combinámos que todas as quintas-feiras eu lá iria. E visito a minha família, agora com frequência, já que durante quase toda a minha vida estive em África e não me puderam ver.

Mas continuo com o espírito das missões no meu coração, e então descobri aqui uma máquina antiga de bordar, e as pessoas trazem-me panos e eu faço os pontinhos, e esse dinheiro é todo para ajudar as missões (...)



procuero uma mãe

Viver para os outros

(...) fiquei com uma menina a meu cuidado, para evitar que morresse, pois nasceu prematura com outro irmão, a mãe morreu no parto, e o pai teve de fazer uma longa viagem para tratar do funeral da esposa, sem condições de transporte e sem leite para os alimentar.

O irmão morreu durante a viagem até aqui, e como o senhor me disse que daqui a oito dias estaria de volta, propuz-lhe ficar com a menina, para tentar mantê-la viva até ele voltar: receei que ela também morresse no resto da viagem, pois era só pele e osso e precisava de ser aquecida e alimentada.

Mas o pai nunca mais apareceu, e eu já mal aguentava, porque tinha as minhas horas de serviço na missão, e ainda tinha outras tarefas fora. Concluí que o pai a tinha abandonado, e então comecei a procurar uma mãe adoptiva para ficar com a menina. Um dia estava no hospital a fazer consultas e apareceu-me uma senhora que me diz: «irmã, ouvi dizer que anda à procura de uma mãe para essa criança, se quiser eu fico com ela». «E quando é que lha posso levar?», perguntei, «quando quiser, a porta de minha casa está aberta»; e assim aquela menina teve uma nova mãe.

Comprometi-me a arranjar-lhe o leite, todos os dias a visitava; mas cresceu e hoje é uma linda adolescente. Recentemente voltei a Angola, e foi emocionante estar com ela, e com aquela mãe extraordinária.

Disseram-me que um dia viram o pai a rondar a casa, mas terá visto a miúda tão bem criada e feliz que se foi embora (...)



eu falo com eles

Viver para os outros

(...) temos um centro social de apoio, num bairro de Lisboa, e estamos a viver uma situação muito difícil, como eu nunca passei em toda a minha vida, mesmo em África durante a guerra. Morreu um jovem cá do bairro, num assalto, e os outros jovens atribuíram a responsabilidade à polícia, e estão a causar desacatos e confrontos com a polícia.

O bairro está uma confusão, já vamos no segundo dia, e então pensámos que tínhamos de intervir e resolvemos o seguinte: fui ter com a polícia e pedi-lhes para não intervirem, fiquem à distância, que nós iríamos falar com as pessoas do bairro a ver se conseguíamos resolver a situação.

E fomos duas irmãs, de casa em casa, a convocar os jovens, os pais, inclusivamente os do jovem que morreu, e os que habitualmente são mais respeitados e costumam representar todos os outros quando é necessário tratar de assuntos do bairro, para uma reunião, num salão maior que temos aqui no centro, onde costumamos organizar reuniões e festas. O bairro continuava literalmente cercado pela polícia.

Apelámos ao bom senso de todos, inclusivamente os pais do jovem que morreu também pediram aos outros para que se acalmassem, nomearam--se representantes para uma reunião com a polícia, os jovens também nomearam os seus, e decidiu-se que a melhor maneira de mostrarem a sua força e ter impacto seria irem todos para casa e fazer silêncio.

A verdade é que estas sugestões foram acatadas, o rapaz que morreu foi enterrado mais tarde, e o bairro regressou lentamente à “normalidade”.

E eu tive uma das experiências mais intensas da minha vida (...)



dar e receber

Viver para os outros

(...) durante a minha vida passei por momentos muito difíceis, mas também guardo recordações de grande generosidade. Um dos locais que mais me impressionou, foi a ilha do Pico, nos Açores, que agora está muito mais desenvolvida, mas quando lá estive no hospital como enfermeira, se houvesse um temporal a seguir faltava de tudo, nem gasolina tínhamos, porque os barcos não podiam ir lá.

Lembro-me de um Natal, em que estávamos a ensaiar as crianças para o teatro na festa com as famílias, e pensávamos organizar, no fim do espectáculo, uma merenda um pouco mais enriquecida, para as crianças.

Queríamos fazer bolos para todos, mas foi num período em que os ovos eram escassos, e nós não tínhamos ovos para fazer todos os bolos.

Então dissemos às nossas crianças: «falem com as vossas mães, e perguntem-lhes se elas podem colaborar, porque queremos fazer os bolos para a vossa festa, mas não temos ovos suficientes».

Daí a alguns dias apareceu uma senhora, das mais pobres, que me diz: «ó irmãs, eu só trago um ovo porque só tenho um ovo, mas eu não quero que as nossas crianças fiquem sem bolos; façam uma grande festa para as nossas crianças». Isto era o habitual naquele povo, eu nunca vi um outro local assim.

Sabiam que a qualquer hora do dia ou da noite podiam bater à nossa porta, para tratar um doente ou apenas para telefonarem; até para vestir os defuntos nos chamavam, por causa dos seus tabús (...)



esconda-me o comandante

Viver para os outros

(...) numa altura em que a zona onde se encontrava a nossa missão estava rodeada por tropas, acolhemos um comandante de outro movimento, que estava ferido, mais o seu adjunto, pois tinham-nos pedido ajuda, batendo à nossa porta às escondidas a meio da noite.

Estava ferido numa perna, e tivemos de o esconder na nossa casa até ele melhor. Mas a situação era muito perigosa, porque se descobrissem que escondíamos um comandante doutro movimento, certamente destruiriam a missão e matar-nos-iam a todas: tínhamos de encontrar uma solução para aquele problema.

Foi então que me lembrei de falar com uma vizinha em quem confiava, que vivia perto da nossa missão e colaborava connosco, e pergunta-lhe se ela poderia esconder os dois homens na sua casa, pois não levantava tantas suspeitas como a missão, que era um local mais público.

«Sim, irmã, traga-os que eu escondo-os em minha casa», respondeu-me deixando-me aliviada, e então mudámos o comandante e o seu adjunto para casa dela, e eu ia lá de noite todos os dias tratá-lo, de dia não ia com receio.

Estavam lá já há uns dias, ele já podia andar, mas nunca mais se iam embora; a vila continuava cercada, com postos de controle nas estradas, e nós cada vez mais preocupadas que viessem a saber que eles estavam lá. E então eu disse à nossa vizinha, «ele já pode andar, veja se os entusiasma a ir embora».

E ela começou a pensar como é que poderia ajudá-los a partir (...)



preciso que me ouçam

Viver para os outros

(...) numa tarde, já quase ao fim do dia, estava no centro social de apoio, que temos num bairro aqui na periferia de Lisboa, com uma população predominantemente africana, e onde desenvolvemos todo o tipo de actividades, desde creche para as crianças até à alfabetização de adultos.

De repente aparece uma senhora, europeia, completamente descontrolada e aos gritos; estava a viver um drama pessoal, o marido tinha-lhe batido e esfaqueado um filho, era um caso de violência doméstica, e a senhora falou, falou, e eu a ouvi-la e a fazer tempo a ver se a acalmava, se a deixava “deitar tudo cá para fora”, para depois tentar ver o que podia fazer para a ajudar.

Mas a verdade é que não tínhamos resposta para aquela situação, eram já quase sete horas da tarde, e eu sem saber o que fazer.

A senhora continuou a falar, de como estas situações eram frequentes e vivia numa aflição constante, sempre à espera que o marido chegasse a casa meio descontrolado e agressivo, pronto para provocar confusões com ela e os filhos.

Digo-lhe então: «olhe, se não pode voltar para casa, a única coisa que nós podemos fazer aqui no centro, é arranjar-lhe um sítio onde dormir esta noite; agora, em relação ao seu marido e à casa, não sei como é que a podemos ajudar, nós não temos resposta».

E então, nunca mais me poderei esquecer disto, a senhora virou-se para mim e disse-me: «já fez muito em ouvir-me, não preciso de mais nada», virou-me as costas, e tal como entrou, saiu e foi-se embora (...)



vou ali ver o meu filho

Viver para os outros

(...) quando estava em Macau, dava-me muito mal com o clima, e então fui transferida para as Filipinas, onde me sentia melhor, e trabalhei como enfermeira numa leprosaria, que estava muito bem organizada.

Havia umas casinhas pequenas para os casais, pois a lepra tem épocas em que os doentes necessitam de estar isolados, por causa do contágio; tinham apoio médico e comida, um pequeno quintal e uma horta, e conviviam entre eles, por vezes até casavam uns com os outros. Não podiam sair para o exterior da leprosaria, nem ninguém podia entrar.

As nossas casas e as dos médicos ficavam do lado de fora da enfermaria, embora perto, e no nosso quintal havia uma construção a que chamávamos maternidade, que era para onde trazíamos os filhos dos casais leprosos, assim que acabavam de nascer, numa toalha esterilizada, o cordão umbilical ainda com pinças, sem terem contacto nenhum com as mães; e as crianças eram sãs, não tinham doença nenhuma.

Éramos nós que as criávamos e educávamos até aos sete anos, e por volta dessa idade havia sempre algum familiar ou algum casal que as adoptava, e as crianças iam com eles.

Os pais não podiam ter contacto físico com os seus filhos, iam ali sempre que queriam ver os filhos (...)



deixem-nos passar

Viver para os outros

(...) a vila onde se encontrava a nossa missão estava cercada, e nós tínhamos acolhido e tratado um comandante doutro movimento, ferido, mais o seu adjunto, mas como ele não podia andar, começámos por o esconder na nossa casa.

Mas a missão era um local público, e com receio que os descobrissem, pedimos a colaboração de uma vizinha para os esconder em sua casa, e eu ía lá durante a noite tratá-los. Passaram uns dias, ele já podia andar, e começámos a pensar como é que os podíamos ajudar a partir.

A nossa vizinha foi extraordinária: vestiu-os com umas roupas já muito velhas, que tinham sido do marido, para ficarem com um aspecto de pedintes assim meio andrajosos, pôs-lhes um saco às costas, e animou-os oferecendo-se para ir com eles até ao posto de controle dos militares por onde teriam que passar.

Ao chegarem lá tremiam como varas verdes, e o soldado que estava a fazer o controle perguntou «mas o que tem este senhor?», e a nossa vizinha respondeu de imediato, quase sem pensar, «o senhor está a tremer porque lhe morreu um familiar, e vai para o enterro, mas está com quarenta de febre».

«Então passem, passem», respondeu o soldado, pois as cerimónias de óbito são levadas muito a sério pelos africanos, e o comandante e o seu adjunto salvaram a vida, conseguindo ir juntar-se às suas tropas, que estavam para lá daquele posto de controle. (...)



desapareceram crianças

Viver para os outros

(...) durante alguns anos trabalhei numa missão numa das zonas mais pobres de Moçambique, onde as pessoas vivem com uma dificuldade extrema, por causa do clima instável, que ora chove demasiado e estraga tudo o que têm, ora enfrentam secas prolongadas, tendo de percorrer grandes distâncias à procura de água.

O hospital mais próximo fica a alguma centenas de quilómetros; e como não há trabalho, os homens deslocam-se para outros países da região à procura de emprego. Com frequência contraem sida, e quando voltam não comunicam às mulheres, e contagiam-nas, situação que ainda é agravada pelo facto de naquela zona ser vulgar um homem viver com várias mulheres, por vezes até na mesma casa.

Então é um trabalho muito difícil, ver pessoas doentes com sida, sem condições nem lugar para dormir, pois o último ciclone tinha deixado a população totalmente “de rastos”, mesmo sem as suas habitações humildes e básicas. Deixei pessoas a dormir debaixo de uma árvore, apenas cobertas com uma lona, que algumas organizações humanitárias tinham oferecido.

Atendi muitas mulheres e jovens com sida, pois lá o casamento é muito prematuro, com as suas crianças também já infectadas; entregava-lhes um pouco de leite e de outros alimentos, poucos, que íamos tendo.

Mas aquilo era um trabalho que me deixava triste: num mês apareciam-me algumas dezenas de crianças, mas algum tempo depois aquele grupo estava reduzido a metade, pois as crianças iam morrendo (...)



vidas cruzadas

Viver para os outros

(...) a vida por vezes reserva-nos alguns acontecimentos pessoais, que nos marcam de forma definitiva, mesmo estando em Angola, durante a guerra.

A certa altura estava em Luanda, houve um agravamento da situação no sul, onde tínhamos diversas casas e irmãs que estavam a apoiar as comunidades locais, e pediram-me para ir lá avaliar a situação, porque era previsível que fossem atacadas, e as irmãs que lá estavam poderiam correr risco de vida.

Então uma irmã, açoriana, com quem eu trabalhava, diz-me assim: «olha deixa-me ir a mim nessa viagem, porque tu podes morrer, e não te esqueças que tu ainda tens mãe e eu já não tenho, portanto faço menos falta que tu». Mas eu respondi-lhe: «não, eu é que tenho a obrigação de ir, se eu perder a minha vida a minha mãe há-de aceitar». Tinha já conseguido chegar às nossas missões lá no sul, por onde tinham passado tropas mas a situação se encontrava controlada, e recebo uma comunicação de Luanda a pedir para voltar com urgência, porque aquela minha irmã tinha sido atropelada e encontrava-se no hospital, gravemente ferida.

Consegui regressar a Luanda; quando cheguei perto da minha irmã, ..já foi há tanto tempo mas ainda me custa pensar nisto, ela olhou para mim, tirou este anel que ainda uso, o meu está ali guardado, e só me disse «toma, é para ti»; e morreu.

Era uma pessoa do melhor que há; fui de viagem por causa de umas, e veio-me o falecimento de outra (...)



a ensinar também se aprende

Viver para os outros

(...) eu e muitas das nossas irmãs, somos professoras, e uma das nossas funções habituais é ensinar, crianças, e também adultos. E em diversos locais e culturas, acabamos também por aprender.

Quando estive em Angola, dava aulas aos miúdos durante o dia, e à noite aos pais. Um dia, no fim da aula da noite, quando perguntei se havia dúvidas, um senhor com ar tímido pergunta-me: «professora, ouvi dizer que vocês lá em Portugal têm uma coisa que anda debaixo da terra, assim como as formigas, e vocês não se afogam; mas como é que respiram? A professora já andou nessas coisas?». E então eu expliquei o que era o “metro”, que era como o comboio que eles já conheciam, ...o que mais gostei do tempo que estive em África, é que enquanto os europeus aprendiam por obrigação, os africanos tinham ânsia de saber, uma vontade de ser mais, mesmo sem terem condições.

Já cá em Portugal, trabalhei durante alguns anos com a comunidade cigana, e uma vez uma miúda diz-me assim: «professora, tu nunca tens casamentos na família?», e eu respondo-lhe «mas porque é que me perguntas isso?», e ela então continua, «é que vens sempre com a mesma roupa, nós quando temos casamentos mudamos de roupa».

A curiosidade e poder de observação das crianças é ilimitada.

Contou-me uma vez uma irmã, que durante o verão costumava levar as crianças para a praia, que a seguir ao 25 de Abril, num dia em que o almoço ia ser arroz e ovos, que os miúdos iam no autocarro a ver os cartazes dos políticos pelas paredes e a gritar o slogan: «ovos cozidos jamais serão comidos» (...)



guarda-me aí a menina

Viver para os outros

(...) uma vez apareceu lá na missão, em Angola, um senhor: a mulher tinha dado à luz duas crianças prematuras, um menino e uma menina, através de cesariana, mas morrera na operação.

Ele ia tratar do funeral da mulher, a uma localidade distante, pois para os africanos a cerimónia do óbito é muito importante. Vinha já há vários dias em viagem, com o tio e mais cinco filhos que já tinha da esposa que morrera, e ainda os dois bebés prematuros. Já havia guerra, e pediram para os acolhermos na missão, que ficava a meio caminho do seu destino, por motivos de segurança.

Pelo caminho, o menino já morrera, pois não tinham leite para lhe dar, só papa de soja; e agora já só restava viva a menina, mas também estava muito mal, era só pele e osso, nem parecia uma pessoa.

O pai tinha receio de que também não chegasse viva ao destino, pois além de mal nutrida, estava mal agasalhada, enrolada nuns panos, e naquela altura do ano chovia e havia muita humidade.

Disse-me que oito dias depois, após as cerimónias do funeral, iria voltar de novo, e eu ofereci-me para ficar com a menina na missão, até ele voltar e a levar, para tentar evitar que morresse durante o resto da viagem. Peguei numa caixa, pus um cobertor e um saco de água quente, aquecia-a, alimentei-a como pude, tinha de lhe dar muita atenção por causa da saúde frágil.

Esperei durante muito tempo, mas ele não voltou (...)



não quero esse homem

Viver para os outros

(...) quando agora ouço notícias de Timor, penso como a situação actual é tão diferente da que encontrei quando para lá fui, ainda antes do 25 de Abril. Existia uma grande diferença entre os portugueses, que administravam o território, e as populações locais, que viviam nas montanhas: as crianças não tinham qualquer instrução, viviam com os pais que evitavam separar-se delas, e as raparigas constituíam como que um bem, eram vendidas logo em pequeninas e destinadas a casar com um determinado homem, que depois por volta dos seus treze, catorze anos, as reclamavam para esposas.

Eu dava aulas no colégio que existia na missão; no início, os pais, desconfiados, nem queriam que as filhas fossem para a escola, e as próprias crianças pareciam assustadas, pois nunca tinham saído de casa. Com o tempo foram ganhando confiança, aprendiam a lavar-se e a arranjar-se, a escolaridade mínima e as tarefas da casa.

Um dia encontrei uma miúda a chorar, e depois de lhe perguntar várias vezes porque chorava, para a ajudar, lá desabafou: «está ali um homem para me vir buscar para eu casar com ele, mas eu não quero casar com aquele homem»; ele trazia-lhe roupa, um fio de ouro e outras coisas, mas ela negou tudo, e não queria casar com ele.

Então recordei que estamos nos locais mais pobres, e damos uma atenção especial à promoção da mulher, e disse-lhe «se tu não queres casar com esse homem, não vais casar, dizes-lhe que não», e ganhei coragem para enfrentar a situação com ela (...)



isto está uma confusão

Viver para os outros

(...) o bairro onde nos encontramos, aqui na periferia de Lisboa, hoje em dia não se compara com a situação que encontramos quando para cá viemos, há uns anos atrás. Começámos por nos instalar numas barracas pequeninas, para apoiar as crianças nos tempos livres, e entretanto já conseguimos construir, com a ajuda de muita gente, um centro social que dá apoio a toda a população do bairro, e desenvolvemos todo o tipo de actividades, desde creche para as crianças até à alfabetização de adultos.

No entanto, a situação social do bairro continua difícil, com uma população onde predominam os africanos dos países de língua portuguesa, o desemprego, o tráfico de droga, o roubo, a violência entre grupos de jovens que por vezes vêm de fora, nem são aqui do bairro.

Há uns anos atrás, numa altura em que a presença da polícia, que mantém um certo controle, estava um pouco reduzida, e o ambiente estava muito pesado, com muita tensão, houve um assalto, em que morreu um jovem cá do bairro, e os jovens atribuíram a culpa à polícia.

Aquilo foi uma autêntica confusão, um grupo de jovens juntou-se, cortaram a estrada, incendiaram caixotes de lixo para atrair a polícia, foi um pandemónio, polícias de um lado, a revistarem o bairro todo, jovens do outro...foi das poucas vezes em que senti medo na vida, não havia controle, tudo podia acontecer. Isto foi na sexta-feira, no sábado a situação ainda piorou, e então dissemos para nós mesmas, «isto não pode continuar, temos de intervir e fazer alguma coisa» (...)



vamos pôr ordem nisto

Viver para os outros

(...) hoje em dia, habituados como estamos a ver e ouvir notícias de todo o mundo, por vezes mesmo sobre catástrofes naturais que deixam muitas populações sem nada, acabamos por ficar um pouco insensíveis, pois os acontecimentos ocorrem longe de nós, e estamos sempre a ouvir aquele tipo de notícias.

Mas para mim foi uma experiência muito marcante, quando me encontrava em Moçambique e houve umas cheias terríveis, e eu fui com mais algumas irmãs e outros voluntários, ajudar “um bocadinho” aquele povo que estava a sofrer, pois tinha ficado sem nada.

Não sei como descrever o que senti quando chegámos lá e encontrámos as pessoas todas juntas, encostadas umas às outras sem fazerem nada, paradas, debaixo da chuva, sem saírem dali porque não tinham outro lugar para onde ir, não tinham sequer uma lona para se abrigar, e sempre a chover sem parar.

Então apoiámos na distribuição da alimentos porque nem sempre se entendiam, por vezes discutiam e lutavam entre eles por alguém estar a favorecer os seus familiares; mas quando uma de nós estava, ficavam todos à espera e diziam: «deixa a irmã distribuir, porque a irmã não conhece aqui ninguém».

Fazíamos panelas grandes com comida, para as crianças e eles preferiam que fôssemos nós a distribuir, porque diziam «se é outra pessoa, vai encher o prato do seu familiar». E então eu pensava, eu não sou nada, mas a minha presença aqui é uma ajuda para estas pessoas (...)



eu dou o sangue

Viver para os outros

(...) um dia apareceu-nos um pai com uma criança nos braços, transtornado e aos gritos, só gritava «irmã, irmã, por favor salve-me a minha filha, que está a morrer por falta de sangue, e se lhe fizer uma transfusão de sangue ela salva-se, e eu dou o sangue para a minha filha, o meu grupo é igual ao dela». A miúda tinha uma doença, que a deixava fraquíssima, e só recuperava com transfusões de sangue.

Disse-lhe que primeiro tinha de ver o cartão de dador, para confirmar se o seu grupo correspondia ao dela. Numa transfusão de sangue podem surgir reacções inesperadas do organismo, é preciso ter a certeza do grupo sanguíneo do dador, mas ele respondeu-me, «ai irmã, com esta confusão da guerra eu perdi o meu cartão, mas tenho a certeza que é igual ao dela», deixando-me assim com uma decisão grave para tomar.

Não podíamos ir para o hospital, pois era muito perigoso andar na rua, por causa dos combates, tinha de resolver o assunto ali mesmo na missão, e rapidamente. Disse-lhe então: «olhe, isto é uma responsabilidade muito grande, mas eu primeiro faço-lhe uma transfusão com uma pequena quantidade de sangue, para ela recuperar, e ver se não há reacções negativas, e daqui a uns dias fazemos outra»; «está bem, irmã, mas por favor salve-me a minha filha», era apenas o que dizia.

E a criança teve uma reacção positiva; acalmei o pai dizendo-lhe: «a sua filha já está melhor, deixe-a descansar um pouco e volte daqui por uma semana e fazemos-lhe outra transfusão com mais quantidade». O senhor ficou tão agradecido, que nem sei como explicar, mas eram situações como esta que nos davam forças para continuar (...)



somos todas humanas

Viver para os outros

(...) na nossa vida como missionárias, passamos por situações muito diferentes, em missões de apoio a populações que necessitam de ajuda urgente, médica, social ou no ensino. Mas por vezes também somos nomeadas para tarefas de administração da nossa própria comunidade, e durante esse período contactamos com irmãs que estão noutros locais do mundo, partilhamos experiências e aprendemos umas com as outras, ao visitarmos outros países e vemos o que fazem aquelas irmãs num local com uma outra cultura, quer seja na América Latina ou em África.

Numa dessas deslocações a África, a um país que não é de expressão portuguesa, presenciei situações, que jamais poderei esquecer, e que mudaram para sempre a forma como olho para o mundo, e onde ganhei uma lucidez especial em relação à nossa humanidade.

Naquele local as nossas irmãs apoiavam presos condenados à morte, que viviam em celas completamente às escuras e despídos, mais de trinta reclusos num espaço minúsculo, não se podiam deitar porque não tinham espaço, ali faziam as suas necessidades; comiam um pouco de arroz duas vezes por semana. As irmãs iam lá e limpavam aquilo tudo, lavavam-nos e davam-lhes vitaminas e alguns alimentos, embora sabendo que eram condenados à morte; uma delas até já morreu porque contraíu lá hepatite B.

Depois de ver aqueles homens, a saírem das celas e virem à rua, cobertos apenas com um saco e com a mão a tapar os olhos por causa da luz, nunca mais deixei de me interrogar até que ponto somos todos humanos (...)